

OS TUCUMÃS – CONTADORES DE DALCÍDIO JURANDIR

Willi Bolle (Universidade de São Paulo)¹

Resumo: Como dar continuidade à oficina teatral sobre os romances de Dalcídio Jurandir que realizamos de 2009 a 2014 com um grupo de professores e alunos de uma escola de ensino médio na periferia de Belém? Na procura por uma solução mais factível em termos práticos, nos inspiramos no exemplo dos contadores das narrativas de Guimarães Rosa, os “Miguilins” de Cordisburgo, combinando elementos de leitura dramática e de narração oral. O tema central da nossa montagem de uma narrativa cênica é o problema da educação. Para ilustrá-lo, apresentamos as principais etapas do caminho de formação do jovem Alfredo, em quatro ambientes: Ilha de Marajó, bairros centrais de Belém, periferia de Belém e uma vila no Baixo Amazonas.

Palavras-chave: O problema da educação, na Amazônia e em todo o Brasil; uma oficina teatral entre a universidade e a periferia; leitura dramática e narrativa oral; Dalcídio Jurandir

O “Ciclo do Extremo Norte”, do escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909-1979) oferece em seus dez romances (1941-1978) com cerca de 3.000 páginas um retrato detalhado da população da Ilha do Marajó, da cidade de Belém e do Baixo Amazonas, na década de 1920². De cinco daqueles dez romances elaboramos adaptações cênicas e montagens teatrais, com um grupo de professores e alunos da Escola de Ensino Fundamental e Médio Dr. Celso Malcher, no bairro de Terra Firme, na periferia de Belém, no período de 2009 a 2014. A principal motivação para as pessoas participarem dessa oficina pedagógica foi o fato de que os romances de Dalcídio continuam atuais em termos da representação da realidade social vivida por elas. Nossas montagens foram apresentadas naquela escola, na Feira Pan-Amazônica do Livro e em três universidades (UNAMA, UFPA e UFPR), proporcionando um profícuo diálogo entre habitantes da periferia e um público acadêmico.³

O desafio que se coloca agora, depois de termos terminado as montagens, é como dar continuidade àquela oficina pedagógica, que motivou os participantes e os espectadores a lerem as obras de Dalcídio Jurandir e a debater os problemas que elas apresentam: principalmente a questão do acesso das camadas pobres da população a um ensino de qualidade, inclusive a universidade – o que é um desafio não apenas para a Amazônia, mas para o Brasil inteiro. Na procura por uma solução mais factível em termos práticos do que uma montagem teatral (que é bastante complexa), lembramo-nos do

¹ Professor titular de Literatura Alemã na USP. Contato: willibolle@yahoo.com.

² Para uma apresentação do conjunto do ciclo romanesco de Dalcídio Jurandir, ver Bolle (2012).

³ Uma descrição detalhada da nossa oficina teatral encontra-se em Bolle (2015).

exemplo dos contadores das narrativas de Guimarães Rosa, os “Miguilins” de Cordisburgo, que têm contribuído durante os últimos vinte anos para uma ampla divulgação da obra do autor mineiro e da cultura da população sertaneja. Resolvemos, então, experimentar algo semelhante com as narrativas amazônicas e as relações humanas apresentadas por Dalcídio Jurandir, reunindo elementos de leitura dramática numa composição narrativa.

Montamos uma narrativa dramática em forma de uma amostra representativa do ciclo romanesco do autor. O eixo temático é o caminho de aprendizagem e de formação do jovem Alfredo, de seus dez aos seus vinte anos, passando através de quatro ambientes topográficos e sociais: a Ilha de Marajó, os bairros centrais de Belém, a periferia dessa cidade e o Baixo Amazonas. A combinação do modelo das narrativas dos “Miguilins” com elementos da nossa experiência teatral resultou numa narrativa cênica, que realça as falas dos habitantes da Amazônia. Com este projeto, *num formato de divulgação*, procuramos incentivar outras possíveis adaptações da obra de Dalcídio Jurandir e contribuir para a difusão da cultura amazônica além das fronteiras da região.

Desta narrativa dramática participaram seis professores e sete alunos, sendo todos eles, exceto o autor deste artigo, habitantes de Belém. Como não foi possível trazer esse grupo para a apresentação no Congresso da Abralic, no Rio de Janeiro, resolvemos filmar previamente a nossa performance em Belém e exibir esse documentário como parte central da nossa comunicação. A gravação e a montagem do filme, com duração de 17 minutos, foram realizadas pelo cineasta Alan Kardek Guimarães. O nome do grupo, “Os Tucumãs”, designando os contadores das histórias narradas por Dalcídio Jurandir, foi inspirado pelo carço da palmeira tucumã, que é o brinquedo preferido do menino Alfredo, além de ser também uma alegoria da arte narrativa do romancista paraense⁴.

De acordo com os referidos quatro ambientes topográficos e sociais, a nossa narrativa dramática é subdividida em quatro histórias, que descreveremos em seguida, indicando sempre os textos-fonte, oferecendo uma introdução (que, no filme, fica a cargo da Narradora) e citando os personagens e suas falas, juntamente com um breve comentário.

História 1: Uma vila na Ilha de Marajó

A primeira das quatro histórias, cujo enredo se passa na Ilha de Marajó, é baseada em extratos do romance de estreia de Dalcídio Jurandir, *Chove nos campos de Cachoeira*

⁴ Cf. Assis (2004). Agradecemos ao professor Paulo Nunes (UNAMA, Belém) pela sugestão de dar ao nosso grupo o nome “Os Tucumãs”.

(1941), e no seu terceiro romance, *Três casas e um rio* (1958). Os nossos espectadores e ouvintes são introduzidos nesse ambiente pela Narradora. Ela explica que o menino Alfredo, que vive na vila de Cachoeira, na Ilha de Marajó, se sente entediado naquele ambiente interiorano, pobre e tacanho. Seu maior desejo é sair dali e mudar-se para a capital Belém, para frequentar uma boa escola. Mas há muitos obstáculos a serem vencidos para alcançar esse objetivo. A Narradora descreve também a composição da família e o seu entorno social. Alfredo vive entre brancos e caboclos. Seu pai, Major Alberto, é secretário da Intendência. Depois de ficar viúvo, convidou para viver com ele uma jovem mulher do povo, dona Amélia, que ficou encarregada das tarefas domésticas. Alfredo sente-se incomodado pelos moleques dos barracos pobres da vizinhança, que entram na sua casa e vêm pedir coisas.

Nesse momento, passamos do relato introdutório da Narradora para as falas de cinco personagens – o protagonista Alfredo, sua mãe dona Amélia e três moleques – que interagem de forma cênica. Vejamos:

Moleque 1: “ – Dona Amélia, acabou a comida lá em casa. A senhora teria um pouco de leite e de farinha, e algum resto de comida?”

Moleque 2: “ – Dona Amélia, aquela minha irmã que estava com vermes, está agora com muita febre. A senhora teria algum remédio?”

Moleque 3: “ – Dona Amélia, minha mãe mandou perguntar se a senhora teria algum retalho de pano, alguma roupa usada?”

A reação de Alfredo, que se queixa também das tarefas diárias que lhe são impostas pelos pais, não se faz esperar: “ – Estou aborrecido. Todo dia é isso! Buscar carne, comprar querosene, trazer pão e açúcar. Não aguento mais!” O menino olha então para o seu brinquedo preferido, um caroço de tucumã, e o implora: “ – Carocinho de tucumã, me faça livre do querosene, da carne, do açúcar e do pão.” Finalmente, Alfredo resume todos os seus desejos neste pedido: “ – Mamãe, me mande para Belém. Eu morro aqui. Quero sair daqui, quero estudar. Quando papai vai escrever a carta para o colégio?”

Dona Amélia explica então a Alfredo que o pai, embora seja um apaixonado pelas Letras, não se engaja minimamente pela educação do seu filho: “ –Você não sabe que teu pai vive sonhando? Teu pai vive mergulhado na leitura de seus catálogos e almanaques.” A tarefa de enviar Alfredo para uma boa escola fica integralmente a cargo dela, uma doméstica semi-alfabetizada, que sabe muito bem que uma boa educação é fundamental para o *status* e a ascensão social das pessoas: “ – Meu filho, um pobre como você tem de estudar. Tu vais, sim, pro colégio. Eu vou fazer de tudo para que tu estudes, para que saias

daqui. Tu não és da cozinha. Tu és do salão. Mas teu pai não quer saber do teu colégio. Eu mesma vou te levar.”

História 2: A capital regional Belém, bairros centrais

O texto-fonte é o romance *Belém do Grão-Pará* (1960). Como explica a Narradora, o protagonista Alfredo, agora com doze anos, conseguiu finalmente se mudar da Ilha de Marajó para Belém e realizar o seu desejo de frequentar uma boa escola. Tão importante quanto a aprendizagem nas aulas, é o seu descobrimento das estruturas da sociedade, que é marcada por fortes desigualdades – o que é uma característica do Brasil inteiro. Alfredo está hospedado na casa da família Alcântara. Por meio das conversas com as pessoas, ele passa a conhecer as diferentes classes sociais e procura encontrar a sua posição.

O chefe da família, seu Virgílio Alcântara, nos situa naquela época: o início dos anos 1920, quando essa família e a Amazônia inteira sofreram o impacto da queda dos preços da borracha no mercado mundial, a partir de 1912, devido à concorrência dos países do sudeste asiático. Ele diz “ – Pois é, Alfredo. Na época da borracha, eu fui administrador do Mercado Municipal. Mas com a crise econômica e política, tudo despencou. Eu mal consegui arranjar um emprego na Alfândega. Tive que me mudar para esta casa modesta com minha mulher e minha filha.”

A sua mulher, dona Inácia, complementa: “ – Na época da borracha, eu transitava na alta sociedade, nos círculos governamentais. Agora estou esperando uma desforra contra a camada política dominante. Estou apostando numa conspiração dos militares. No Rio de Janeiro está para explodir um movimento militar. E aqui em Belém, a luta dos famintos, na periferia, me faz lembrar a revolta da Cabanagem. Os cabanos fizeram desta Belém um valha-nos Deus. Mataram o Governador, mataram os comandantes, mataram muito branco, muito português. Seus bandos vinham do interior, se ajuntaram nos sítios e nas vilas, cercaram Belém e entraram. Principiou igual ao que agora acontece na periferia. Ah, eu queria vê-los entrar agora no Palácio e abrir o bucho do Governador.”

É uma fala marcada pelo ressentimento. A queda do intendente Antonio Lemos, que administrou a cidade de Belém entre 1897 e 1911, abalou a vida de dona Inácia Alcântara. De um intenso convívio com as pessoas da alta sociedade, ela caiu para o ostracismo. A partir da observação dos protestos populares contra a penúria geral e dos movimentos de revolta dos militares, ela imagina que possa acontecer uma nova Cabanagem, ou seja, uma volta da revolução popular que ocorreu no Pará entre 1834 e 1840. Trata-se de uma fantasia, em que predomina o desejo de dona Inácia de vingar-se,

por meio de novos abalos na vida pública, de seus inimigos políticos que provocaram a sua queda de *status* social.

Entra em cena também a filha do casal, Emília, uma moça mimada e preguiçosa, cujo maior desejo é arranjar um noivo, visando um casamento vantajoso. Para isso, é fundamental que a família saia daquela morada modesta para uma casa num bairro nobre da cidade. É nesse sentido que Emília fez uma série de sondagens e, então, comunica o resultado: “ – Mamãe, descobri um sobrado para alugar na Avenida Nazaré, a uma quadra da Praça da República. Meu Deus, é pertinho do Cinema Olímpia, do terraço do Grande Hotel, do clube da Assembleia Paraense e do Teatro da Paz. As moças ali, vistas de almofadas nas janelas, foram educadas na Inglaterra. E elas têm uma porção de empregadas. Vamos nos mudar para lá, onde só mora gente fina?”

Dona Inácia aprova plenamente a proposta dessa mudança de domicílio: “ – Pois é, minha filha, todo mundo vai sentir inveja de nós. Quando você aparecer na janela da Avenida Nazaré, vai fazer um vistão. É só uma questão de tempo para você arranjar um ótimo casamento.” Nos seus planos de uma nova ascensão social da família, dona Inácia inclui também o estudante Alfredo, que está hospedado em sua casa; ao mesmo tempo, ela projeta sobre esse jovem as suas próprias fantasias de uma reviravolta política: “ – E você, Alfredo, vai poder encontrar ali muita amizade, entrada em muito salão. Ali perto moram oficiais, pessoas graduadas. Você vai poder se preparar para uma carreira na política. Mas tem que aprender a fingir e se inteirar das manhas da conspiração.”

O outro lado da sociedade, o das pessoas pobres, é representado pela empregada doméstica. Como explica a Narradora, os trabalhos domésticos são executados pela Libânia, uma serva de quinze anos, trazida, muito menina ainda, do sítio pelo pai para a mão dos Alcântaras. Diante de Alfredo, Libânia se queixa do tipo de tratamento que ela tem recebido por parte de seus patrões, e ela revela os seus planos: “ – Alfredo, aqui sou menos que um bicho de estimação. E os nomes da madrinha-mãe em cima de mim, então! Um dia me sumo, aquele-menino. Nem rastro deixo. Mee... sumo.”

Depois de Alfredo ter ouvido falas de representantes das duas classes da sociedade, os de cima e os de baixo, é a vez de ele definir a sua própria posição. Contagiado pelos desejos de ascensão de dona Inácia e de Emília, ele se exhibe diante da empregada: “ – Olhe aqui, Libânia, o que eu consegui: no colégio Barão de Rio Branco: colocaram o meu nome no Quadro de Honra!” A empregada, em vez de admirá-lo, como ele esperava, lhe dá o devido troco: “ – Quadro de Honra não dá banana, viu, seu aquelezinho! Aprenda aqui com esta professora. Mão firme, curtida de carregar e rachar lenha. Mão de roceira

desde gita, aquele-menino. Carreguei puçá de mandioca, virei farinha no forno, remei de me doer a mão e a bunda, assoalhei barraca, embarreei parede. Sou curada de cobra, pajé me defumou, tenho oração.”

Essa fala da empregada doméstica prenuncia o contato que Alfredo terá daqui em diante com as pessoas pobres da população. Como informa a Narradora, o estudante, ao olhar pela janela da casa dos Alcântaras na Avenida Gentil Bittencourt, enxerga também uma parte das *baixadas*, os bairros pobres na periferia de Belém. Alfredo, então, se pergunta: “ – Que tipo de população vive naquelas baixadas? Que lavadeiras, que capinadores e que meninos? E qual será a minha vocação, o meu ofício e o meu rumo de vida?” Nos cinco romances seguintes de Dalcídio Jurandir – *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os habitantes* (1976) e *Chão dos Lobos* (1976) – encontramos uma detalhada resposta a essa questão.

História 3: A periferia de Belém

Dos cinco romances cujo enredo se passa na periferia de Belém e dos quais fizemos adaptações cênicas e montagens teatrais no período de 2009 a 2014, escolhemos aqui apenas uma obra: *Primeira manhã*, um título que se refere ao primeiro dia de aula de Alfredo no ginásio. No início do nosso recorte, o protagonista explica que esta é a sua terceira vinda a Belém: “ – Durante minha primeira estadia, eu morei na região central da cidade.” (Cf. a nossa História 2, baseada no romance *Belém do Grão-Pará*.) “Depois, passei a viver na periferia, na casa de uma parente.” (Cf. *Passagem dos Inocentes*.) “Agora estou com 16 anos, e moro próximo à periferia, numa casa que pertence ao Coronel Braulino, do Marajó. Depois de eu ter terminado a escola primária, consegui passar no exame de admissão do ginásio.” Para um menino de família pobre, este é um caso raro, comenta a Narradora. Com isso, Alfredo traz consigo também as expectativas dos meninos e das meninas da Ilha do Marajó. A Narradora nos convida a assistir com Alfredo a uma das aulas de Português e de Latim.

“ – Surge, perianto em pompa, heril a forma egrégia,” declama a Professora, que acaba de escrever este verso no quadro negro. Ela passa a comentá-lo com os alunos: “ – Vejam só este poema magnífico. A nossa língua vem da língua que Roma falou. O poema não lhes lembra o corte clássico daquele verso em latim?” Ela escreve o verso no quadro e declama: “*Aesopus auctor quam materiam repperit.*” (Trata-se do início do Prólogo às *Fábulas* de Fedro.) Novamente, a Professora solicita aos alunos que comentem o texto. Como eles não respondem, ela passa a xingá-los: “ – Oh, seus gansos depenados! Vocês deviam estar pastando nos capinzais na periferia desta cidade!” Depois, ela muda de tom

e declara: “ – Já que vocês não sabem apreciar um texto de beleza clássica, vamos para um que é mais fácil.” Ela escreve no quadro e declama: “ – Amai a choupana pobre, mas feliz, onde gorjeia a infância gárrula no descuido da felicidade rural.”

Desta vez, um dos alunos, o próprio Alfredo, que conhece bem a periferia, se manifesta: “ – Professora, eu tenho uma pergunta. Lá, nos barracos da periferia, os roceiros não passam fome?” A pergunta provoca a ira da Professora e um novo xingamento: “ – Fome?! Que rebeldia é essa, sua múmia? Pensa que estamos no tempo da Cabanagem?! Volta para o sarcófago de onde saíste!” Antes de encerrar a aula, a Professora faz questão de declarar: “ – Fiquem sabendo de uma vez por todas: Aqui não tem fome! Aqui, sobre esta terra opulenta e sob este sol magnífico, vive um povo feliz!”

A Narradora nos informa, então, que Alfredo, que tinha grandes expectativas em relação ao ginásio, ficou decepcionado com aquele tipo de ensino descompromissado e alienante. Ele começa a faltar nas aulas e se volta para o que se pode chamar de “escola da rua”, dando preferência ao convívio com os moradores da periferia. Um dia, ele reencontra o professor Moquém, quem o preparou para os exames. O professor quer saber como vão os estudos do seu ex-aluno e como estão suas aulas no Ginásio. Alfredo explica: “ – Ah, professor, não é o que eu esperava. Na verdade, as aulas me deixaram bastante decepcionado. Mas eu tenho que me preparar para uma série de provas e isso me deixa preocupado.”

A resposta do professor Moquém, a quem Alfredo solicita ajuda na preparação para as provas, é muito diferente do que o estudante espera, e também daquilo que nós, leitores, estamos acostumados a ouvir da boca de um docente: “ – Então, vamos direto ao assunto. Tu ainda és virgem, rapaz? Eu vi nos teus olhos a faísca, quando passou por aqui aquela moça formosa. Por isso eu te digo: Prepare-se, mas é para as provas com aquela que ali passa. Esta é a lição que te dou, o mais são letras e algarismos.”

História 4: Uma vila às margens do Amazonas

A nossa última história foi extraída do romance *Ribanceira* (1978), com o qual Dalcídio Jurandir concluiu o seu “Ciclo do Extremo Norte”. Como explica a Narradora, Alfredo está agora com vinte anos e conseguiu o seu primeiro emprego: ele trabalha como secretário da Intendência na vila de Gurupá, às margens do Rio Amazonas. Acompanhando o secretário Alfredo em suas conversas com os moradores, vamos conhecer os diferentes tipos sociais e os problemas daquela comunidade. O Intendente introduz Alfredo ao ambiente local: “ – Alfredo, neste Município há vários conflitos. É preciso pacificar as famílias nesta ribanceira. Prepare-se para ouvir uma série de podres

locais.” Ele é interrompido por seu Dó, o porteiro da Intendência, que quer esclarecer uma questão urgente, que nos mostra a disparidade social naquela pequena cidade. O porteiro pergunta: “ – Sr. Intendente, devo abrir hoje o Mercado para a carne? Está circulando um boato de que hoje será distribuída de graça uma grande porção de carne, e os que não comem carne já estão formando uma fila na frente do Mercado.” O Intendente esclarece, então, que se trata de um equívoco do seu subordinado: “ – A carne, nesta vila, é só para os figurões: o Juiz, a Promotora e os comerciantes, como o Coronel Cácio e o seu Bensabá.”

Retomando a conversa com Alfredo, o Intendente o informa: “ – Você está convidado hoje à noite para jantar na casa do coronel Cácio.” O coronel, que é um grande proprietário e um dos potentados locais, recebe Alfredo com uma fala exibicionista: “ – Bom apetite, seu Alfredo! Está gostando dos nossos acarís moqueados? Eles são dos nossos lagos. Temos um lago exclusivo da família, só para consumo de casa, um lago de pirarucu, com vigias armados e um pescador que traz os peixes segundo nossas instruções e necessidades.”

Alfredo recebe também um convite da Promotora, para visitá-la em sua casa. Ela exhibe a sua biblioteca e o seu bicho de estimação: “ – A maioria destes livros eu mandei vir da França. Olhe aqui, os dicionários de francês. Meu papagaio está tão acostumado de me ouvir falar em francês, que já aprendeu a dizer ‘Chérie ma petite fille’”. A Promotora passa a entoar loas à cultura francesa: “ – Os franceses deveriam ter colonizado este país, aí estaríamos hoje falando como civilizados. Ah, eu me sinto muitas vezes levada para aqueles bosques dos romances de Alexandre Dumas. Eu faço do meu quintal o bosque dos Três Mosqueteiros. É a minha viagem a Paris! A Paris!”

Para a cultura dos ribeirinhos, a Promotora sente apenas desprezo: “ – Educar o povão daqui não vale a pena. Este barranco só embrutece. Não perca seu tempo, sr. secretário. Coloque no Trapiche este aviso: *Aqui é expressamente proibido ler e escrever!*” Não há nenhuma intenção irônica nesta fala, que demonstra de forma inequívoca a vontade da classe dirigente de reservar para si mesma os privilégios da educação.

Durante a sua estadia naquela vila, Alfredo entra também em contato com os pobres. Na margem do rio, ele conhece uma família que vive em estado de miséria: os Seruaias. A moça Bernarda Seruaia exclama: “ – Porque Deus nos deu este desviver? Diabo! Com esse trapiche podre, os gaiolas passam ao largo.” Ela grita para os passageiros de um barco que passam: “ – Oh, gaiola, põe a tua prancha nesta ribanceira e

desembarca o teu jantar para nós!” Como ela não recebe auxílio nenhum, ela conclui com estas palavras: “ – Ah, eu queria tacar bala em toda essa cambada de desvivente que é nós aqui neste chiqueiro excomungado. Ainda vou me jogar aí nesse Amazonas, égua!”

Ao concluir o seu trabalho como secretário naquela vila e preparando a sua volta para Belém, Alfredo se pergunta: “ – Que será dos Seruaias? E o que será desta tapera? Será que, durante a festa de São Benedito, que é o santo padroeiro desta comunidade, não vai surgir uma perspectiva de esperança e de melhoria?” A Narradora anuncia, então, que o próprio santo vai responder. Para concluir a nossa narrativa dramática, os personagens que estão em cena ao lado do protagonista – a Narradora, o Intendente, o porteiro seu Dó, o coronel Cácio, a Promotora e Bernarda Seruaia – respondem a Alfredo em coro: “ – Te desengana, meu filho, eu não faço milagres”.⁵

Um retrospecto sobre esta narrativa dramática e perspectivas futuras

Um dos objetivos da nossa narrativa dramática consiste em introduzir os ouvintes e espectadores ao ciclo romanesco de Dalcídio Jurandir e despertar neles o desejo de leitura da obra. Através da montagem ficamos conhecendo quatro cenários diferentes. Dois desses lugares representam o interior da Amazônia, e os dois outros, uma metrópole regional, que hoje tem mais de dois milhões de habitantes e está dividida entre os bairros centrais, nos quais vive a parte abastada da população, e os bairros periféricos, que são a moradia dos pobres. A percepção dessa desigualdade social, que até hoje é uma característica do Brasil inteiro – não apenas naqueles anos 1920, a época dos enredos das histórias narradas por Dalcídio Jurandir –, constitui uma aprendizagem fundamental para o protagonista, o jovem Alfredo. As experiências que ele faz nas várias escolas confirmam essa percepção.

No seu lugar de origem, na vila de Cachoeira, ele se defrontou com um ensino extremamente precário. Tanto assim que implorou a sua mãe de levá-lo para a cidade de Belém, para poder frequentar uma boa escola. Note-se que o fato de ele ter alcançado esse objetivo representa apenas uma minoria das crianças do interior. A escola de ensino fundamental em Belém revelou-se como muito boa. Contudo, o romancista deixou claro

⁵ Da narrativa dramática, que foi registrada no filme documentário “Os Tucumãs: contadores de Dalcídio Jurandir” (direção de Alan Kardek Guimarães, 2017), participaram seis professores e sete alunos. O grupo de professores foi integrado por Regina Guimarães, ex-diretora da escola Dr. Celso Malcher (que assumiu o papel da Narradora); Rosana Passos (interpretando dona Amélia, e a Professora de Português); Rosineide Brandão (dona Inácia Alcântara); Marinilce Coelho (a Promotora); Waldinei do Carmo de Souza (seu Virgílio Alcântara, Professor Moquém e o Intendente); e Willi Bolle (Coronel Cássio). Os alunos foram Wallace da Silva (interpretando o protagonista Alfredo); Gabriela Gomes (Emília Alcântara); Nayra Campos (a criada Libânia e Bernarda Seruaia); Leandro Carlos (o porteiro seu Dó); Lucas Correa (Moleque 1); João Batista (Moleque 2); e Gleydson (Moleque 3). Elaboração do roteiro do filme: Willi Bolle.

que igualmente importante é a observação complementar das relações sociais fora do ambiente do ensino formal. Essa questão se aguçou com a entrada de Alfredo no ensino médio, ou seja, no ginásio. Sem dúvida, o romancista carregou um pouco nas tintas, ao apresentar um tipo de ensino demasiadamente abstrato e descompromissado com os problemas sociais, mas o riso que essas cenas provocam no leitor não deixa de ser um meio de reflexão. E em se tratando da formação de um adolescente, é fundamental sublinhar novamente a importância da aprendizagem das relações humanas na sociedade inteira, não apenas no ambiente escolar.

O trabalho com a obra de um dos principais romancistas da Amazônia, que é também um importante representante da vertente de um realismo semi-documental e crítico na literatura brasileira, revelou-se propício para um diálogo entre os estudiosos da literatura e os das ciências humanas em geral. Com isso, abre-se o campo para debates sobre temas de interesse público geral, especialmente as questões da desigualdade social e da educação. Quanto à nossa experiência de complementar a oficina teatral (elaboração de adaptações cênicas, leituras dramáticas e apresentações no palco) com a montagem de uma narrativa cênica, que é mais fácil de ser realizada e divulgada, cabe observar que os elementos lúdicos inerentes à invenção narrativa e à interação cênica entre os participantes sempre nos têm transmitido muita motivação e energia. O nosso desejo e projeto é compartilhar essa experiência positiva de aprendizagem com outros interessados, e incentivá-los a trabalharem com esse legado.

Referências bibliográficas

ASSIS, Rosa. Dalcídio Jurandir, uma leitura do caroço de tucumã: vias de sonhos e fantasias, *Asas da Palavra*, n. 17 (junho 2004), p. 23-31.

BOLLE, Willi. Uma enciclopédia mágica da Amazônia? O ciclo romanesco de Dalcídio Jurandir. In: LEÃO, Allison (org.). *Amazônia: literatura e cultura*. Manaus: UEA Eds., 2012, p. 13-37.

BOLLE, Willi. Uma oficina de teatro entre a universidade e a favela. In: UPHOFF, Dörthe et al. (orgs.). *75 anos de alemão na USP*. São Paulo: Humanitas, 2015, p. 69-93.

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*. 5. ed. Belém: Unama, 1998 (1. ed., 1941).

JURANDIR, Dalcídio. *Três casas e um rio*. 3. ed. Belém: CEJUP, 1994 (1. ed., 1958).

JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão-Pará*. 2. ed. Belém: EdUFPA, 2004 (1. ed., 1960).

JURANDIR, Dalcídio. *Primeira manhã*. 2. ed. Belém: EdUEPA, 2009 (1. ed., 1967).

JURANDIR, Dalcídio. *Ribanceira*. Rio de Janeiro: Record, 1978.